

TRANSGENDERS: CONSTRUÇÕES AFETIVAS, POLÍTICAS DA ALTERIDADE

Eliane Borges Berutti
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

O romance *Stella Manhattan* de Silviano Santiago já foi alvo de múltiplas leituras. O próprio escritor acenou para uma interpretação de sua obra, quando proferiu a palestra “Por uma literatura anfíbia” no Departamento de Espanhol e Português da New York University (NYU) em 23 de abril de 2002. Ao defender esse conceito que conjuga arte e política, Santiago citou como exemplo o romance em questão. Em minha leitura, privilegio a intersecção sexualidade/política. Elegi focar os personagens Marcelo, coronel Vianna e Eduardo por terem em comum a sua sexualidade. Ademais, esses três personagens estão envolvidos, de formas diferentes, na guerra civil que tomou conta do país, depois do golpe militar de 1964.

Marcelo Carneiro da Rocha, codinome Caetano, é comunista e *gay*. Ele obteve o diploma de graduação em Letras na Nacional, e decidiu seguir a carreira acadêmica na mesma universidade. Como sua situação política tornou-se insustentável por estar lutando contra o golpe militar, ele aceitou o convite para trabalhar como *lecturer* na NYU por dois anos. Contudo, lecionar literatura brasileira no Village não era a única atividade desenvolvida por Marcelo naquele país. Ele também participava do grupo de guerrilheiros brasileiros que estava se articulando em Nova Iorque. No que diz respeito à sua sexualidade, Marcelo revela que não é *gay* exclusivo. Sua noiva Cris permitiu o sexo somente depois do casamento - o que era perfeito para Marcelo. Como Cris era da Tijuca, zona Norte, ela tinha uma forma tradicional de lidar com a sexualidade. Segundo Marcelo, seus anos de noivado foram os melhores de sua vida. Uma vez casados, os problemas surgiram. Ao passo que Cris desejava ter um filho, seu marido se opunha, pois era contra a procriação. Além disso, Marcelo estava ciente de sua condição de *gay*. Por

consequente, ele tentou evitar sua mulher sexualmente, por um período de dois anos, temendo uma gravidez indesejável. Ao se comparar com os bissexuais, o militante declara que, ao contrário desses, ele gosta de fazer sexo com os homens e apenas “a perfumaria” com as mulheres. Pode-se perceber por que ele teve problemas em seu casamento.

No meu ponto de vista, a crítica mais incisiva do romance contra a ditadura militar recai sobre o coronel Valdevinos Vianna, conhecido como “a Viúva Negra”, pois dirigia seu Mercedes preto à procura de rapazes em Copacabana. Na verdade, o que realmente dava prazer a esse oficial do Exército era vestir-se com roupas de couro preto e apanhar na cara. No final dos anos 60, o famoso coronel era considerado como um perverso sexual; nos dias de hoje, ele faria parte da comunidade s/m (sodomasoquista). De acordo com Marcelo, foi ele quem iniciou a tortura no país após a morte de Castelo Branco. O coronel conquistou um prêmio ao desempenhar papel importante no regime militar “pelos bons serviços nas masmorras da repressão”: foi enviado a Nova Iorque como adido militar. O próprio oficial confirmou parte dessa informação. Quando Eduardo o parabenizou por seu inglês fluente, Vianna explicou por que falava a língua tão bem e sem sotaque – “tinha sido durante muito tempo homem de liaison entre o Exército brasileiro e a Embaixada Americana (antes da transferência para Brasília)”¹. O adido militar também declarou que havia feito cursos com militares gringos tanto nos EUA como no Panamá. Ironicamente, os mesmos termos que o oficial sodomasoquista emprega para se referir aos comunistas – “bicha, “viado” - são usados pelos comunistas quando o mencionam. Torna-se claro que sua homofobia internalizada o impede de enxergar sua própria sexualidade.

Eduardo da Costa e Silva está intimamente relacionado a Marcelo e ao coronel Vianna. Ao ter problemas devido à sua sexualidade transgressora no Brasil, Eduardo foi “exilado” para Nova Iorque com a finalidade de trabalhar no consulado brasileiro. Seus pais não toleraram o

¹ SANTIAGO, Silviano. *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 59

escândalo que ocorreu no início de 1968. Embora fossem cristãos, os laços de família não prevaleceram, já que se mantiveram intolerantes. Eduardo leu tanto o silêncio como a distância de seus pais como uma forma de destruição. Entretanto, nos EUA ele teve a oportunidade de sair do armário com o auxílio de seu vizinho Francisco Ayala, um refugiado cubano. Quando Paco confessou a Eduardo que era um *maricon*, e falou sobre os lugares de pegação em Manhattan, algo aconteceu com o exilado brasileiro. Eduardo foi tomado por sua própria emoção, não podendo mais conter as lágrimas:

As lágrimas escorriam e, escorrendo, relaxavam os músculos de Eduardo enquanto o rosto ia reganhando aquela luz que certos santos mártires irradiam nas pinturas do Renascimento, assim o via Lacucaracha, sentado ao seu lado. Olhava para Eduardo e, no lugar do rosto, de repente Paco viu uma luz que brilhava com tal intensidade que os seus olhos tiveram que ficar pisca-piscando para que pudessem suportá-la. Temeroso e feliz, tal um rei mago que vislumbra no céu a estrela que conduz ao salvador, se aproximou delicadamente de Eduardo... ²

A estrela vislumbrada por Paco no céu é Stella Manhattan, quem Eduardo lentamente permitiu existir. É interessante observar que “bicha” é um termo bastante amplo usado no romance referente a práticas sexuais diversas. Eduardo é qualificado como “bicha”, tal como Marcelo e o coronel Vianna. Todavia, ao contrário do guerrilheiro *gay* não-exclusivo ou do oficial do Exército sadomasoquista, Eduardo demonstra um aspecto diferente em relação à sua sexualidade.

O primeiro parágrafo do romance focaliza o personagem-título. Como não é utilizado nenhum pronome, o leitor supõe que Stella é uma mulher. No entanto, a partir do segundo parágrafo, o pronome usado é o masculino: “Stella percebe, como não ia deixar de perceber? a velha vizinha de frente que o observa ... Esta comenta o teatrinho matinal de Stella no palco da

² Ibid., p. 36

janela aberta ... e conclui: '**He's nuts.**'... Stella inspira o ar poluído da manhã ... E vai sendo tomado por um frisson nostálgico..."³. De forma gradual, o leitor percebe que Stella é, na verdade, um homem. Deprimido, paranóico, e tímido, Eduardo tem uma contraparte feminina que é seu oposto, pois Stella é alegre, corajosa e exuberante. Longe de ser uma dama, ela tem personalidade forte e, acima de tudo, ela ousa falar o que pensa. Em suma, ela é fascinante. Eu pergunto aqui, como classificar Eduardo/Stella? Um *gay*, um travesti ou, até mesmo, uma pessoa esquizofrênica? Eu prefiro qualificar Eduardo/Stella como um *transgender*. Paisley Currah e Shannon Minter explicam o significado do termo no manual político *Transgender Equality*:

Transgender tornou-se um termo guarda-chuva que é usado para descrever uma variedade ampla de identidades e experiências, incluindo os transexuais pré-operados, pós-operados e não-operados, os *cross-dressers* masculinos e femininos (às vezes chamados de travestis, *drag queens* e *drag kings*), as pessoas intersexuais, e homens e mulheres, independente de orientação sexual, cujas aparências ou características são percebidas como sendo atípicas em relação ao gênero. Em seu sentido mais amplo, *transgender* engloba qualquer pessoa, cuja identidade ou comportamento não se enquadra nas normas estereotipadas de gênero.⁴

Ao contrário de Marcelo e do coronel Vianna, altamente comprometidos com a política brasileira, “Stella era muito pouco nacionalista. Queria uma verdade política nova e libertária, de uso pessoal e coletivo, que imaginava calado sem chegar a formular, mesmo porque não seria capaz.”⁵ Ironicamente, Stella não chegou a vivenciar essa política nova e libertária, já que foi baixa da guerra civil que caracterizou a política brasileira da época. Paco atribui a morte de sua vizinha brasileira ao coronel Vianna. Entretanto, a meu ver, ele não é o único a ser responsabilizado. Stella Manhattan foi vítima de uma armadilha tanto da direita como da esquerda. Ao decidir amedrontar o oficial do Exército, o grupo de guerrilha localizado em Nova

³ Ibid., p. 12 (Meu negrito)

⁴ CURRAH, Paisley and MINTER, Shannon. *Transgender Equality: A Handbook for Activists and PolicyMakers*. New York: The Policy Institute of NGLTF & The National Center for Lesbian Rights, 2000. p.3-4

⁵ SANTIAGO, *op. cit.*, p. 20-21

Iorque desconhecia a intensidade do envolvimento que Eduardo tinha com Vianna. Os comunistas se enganaram ao julgar que Eduardo poderia escapar do coronel com facilidade; ele sucumbiu na teia da “Viúva Negra”.

Sob minha ótica, a fascinação que Stella exerce no/a leitor/a a faz imortal. O/A leitor/a, porém, está ciente de que Eduardo morreu com sua cabeça esmagada contra uma parede da prisão, depois de ser sido estuprado por seus companheiros de cela, vítima da estigmatização de sua identidade *transgender*. Eu sugiro que nós, leitores, façamos como as autoridades norte-americanas que preferiram ignorar a morte de Eduardo. Como Paco, poderemos vislumbrar Stella como uma estrela brilhando no céu de Manhattan. Finalizo minha leitura do romance com minha imagem favorita deste personagem:

[Stella] expira e abre os braços como vedete na apoteose final de teatro de revista da Tiradentes e, se tivesse uma escada na sua frente, galgaria degrau após degrau entre plumas, strass e paetês, luxuosamente, luxuriosamente galgaria os degraus até chegar ao topo de onde em afinado e longo trinado, jogando beijos beijos e mais beijos para os admiradores que gritam em delírio: “É a maior! é a maior!”, de onde tremularia a voz num agudo que ribombaria pelas abóbadas do céu de Manhattan sob os aplausos frenéticos da platéia. Stella Manhattan: Estrela de Manhattan.⁶

A abordagem do romance de Silviano Santiago abre espaço para a discussão de uma experiência transnacional em que a construção da afetividade e o questionamento político se fazem presentes: o encontro com a veterana de Stonewall e ativista política, Sylvia Rivera.

No dia 8 de outubro de 2001, eu conheci Sylvia Rivera em uma palestra na NYU. Nesse encontro, ela conseguiu me chocar, assustar, impressionar e emocionar. Eu decidi chegar cedo no Ultra Violet Café para poder ver de perto esse personagem histórico. Assim que cheguei, notei uma mulher *transgender* que mais parecia uma bruxa de contos de fada com nariz adunco, queixo

⁶ Ibid., p. 12-13

pontudo e olhos penetrantes. Ignorando essa mulher, fiquei olhando para a porta esperando a chegada de Sylvia. Depois de alguns minutos, eu notei que a bruxa caminhava na minha direção. Ela sorriu para mim e perguntou meu nome. E acrescentou que achava que eu era uma amiga dela que não via há muito tempo. Tentando me livrar dela rapidamente, respondi que ela havia me confundido com outra pessoa. Decidi ser educada e perguntei: “E qual é o seu nome?” Ao que ela respondeu: “Sylvia, Sylvia Rivera”. Devo confessar que fiquei chocada com essa resposta. Minha primeira reação foi: “Impossível, essa mulher não pode ser a Sylvia.” Naquele momento, porém, me dei conta de que tinha na memória fotos antigas, tiradas nos anos 60 e 70, do personagem consagrado do livro *Stonewall* de Martin Duberman⁷. Levei um tempo para admitir que fiquei esperando por Godot, pois estava na frente da mesma pessoa que fez parte de Stonewall. Sua aparência física revelava uma mulher muito mais velha do que ela deveria ser – 50 anos. Ao examinar seu rosto, pude reconhecer alguns traços das fotos antigas assim como observar o estrago causado pelas drogas e uma vida vivida na rua. Além disso, ela não tinha os dentes de cima e os de baixo estavam em péssima condição. Finalmente, consegui dizer quem eu era e o que estava fazendo na NYU. Ela imediatamente começou a me fazer muitas perguntas sobre o Brasil. E conversamos animadamente sobre ela, Stonewall e *transgenders*.

Ao longo de sua palestra, Sylvia me impressionou muito. Em primeiro lugar, percebi nitidamente que ela não teve uma educação formal. Ela viveu a maior parte de sua vida na rua, ganhando a vida e lutando por suas causas, ao contrário da maioria das pessoas que fica em casa lendo livros sobre como se deve viver. Ademais, eu pude notar que sua falta de educação formal contrastava nitidamente com seu carisma e liderança. Sua palestra foi marcada pela dor, raiva, emoção, acusação e cobrança. Sylvia Rivera se envolveu em muitas questões políticas, participou de muitos passeatas, foi presa várias vezes e espancada algumas vezes. Apesar de tudo por que

⁷ DUBERMAN, Martin. *Stonewall*. New York: Penguin, 1994.

passou, Sylvia não ficou anestesiada, pois ela não perdeu a raiva nem a emoção, principalmente quando deu seu depoimento sobre Stonewall e as condições em que vive a comunidade *transgender*. Acima de tudo, o que mais me impressionou foi seu acúmulo de experiências. Como ela usou a palavra “história” inúmeras vezes, eu imaginei que ela era um livro de história ambulante. Ou, utilizando outra imagem, ela era uma pessoa experiente contando aos mais novos, os alunos de graduação da NYU, o que havia acontecido no passado, mas não estava registrado nos livros de História. O que me chamou a atenção em sua fala foi o uso de pronomes. Sylvia estabeleceu uma diferença entre “nós”, a comunidade *transgender*, e “vocês”, a comunidade *gay* e lésbica, para acentuar o repúdio político desta comunidade aos *transgenders*. Abro parêntese para incluir aqui a citação de Amálio Pinheiro, feita por Luis Carlos Lima, no simpósio “Experiências do Sujeito” do VIII Congresso da Abralic: “A diferença apavora mesmo os diferentes”.

Eu afirmei acima que Sylvia Rivera me assustou. Ela me assustou pelo poder que emanava de sua coragem, sua determinação, sua cobrança da negação dos direitos civis para os *transgenders*, sua falta de pudor em mostrar sua emoção em público. Também afirmei que ela me emocionou. Enquanto escutava sua palestra, eu me emocionei com sua grande paixão pela vida, sua confissão da tentativa de suicídio e, sobretudo, sua visão política que se baseia em dois pontos – a criação de casas para abrigo dos *transgenders* e a luta por direitos civis para essa minoria sexual. Me perguntei quantas pessoas existem nos EUA como ela que abertamente desafiam o sagrado *American way of life* e dedicam suas vidas à luta por um lugar naquela sociedade. No final de sua fala, eu cheguei à conclusão de que ela era fantástica. Chegou, portanto, minha vez de caminhar em sua direção e lhe dizer isso.

Meses mais tarde, recebi um *e-mail* que registrava a morte de Sylvia Rivera no dia 19 de fevereiro de 2002, devido a complicações de câncer no fígado. Por conseguinte, decidi ir ao seu velório para prestar-lhe as últimas homenagens. Ao chegar no local, percebi que a maioria das

peessoas pertencia à comunidade *transgender*. Algumas examinavam meu corpo e meu rosto à procura de marcas que me identificassem como parte dessa comunidade. Como os velórios norte-americanos são diferentes dos brasileiros, decidi observar o ritual primeiro. As pessoas se aproximavam do caixão a fim de rezar ou conversar com Sylvia; algumas se ajoelhavam no genuflexório, ao passo que outras ficavam de pé. Quando senti que estava preparada, já havia planejado o que faria – iria ficar de pé e aproveitar a oportunidade para agradecê-la pelo que havia me ensinado sobre a história dos EUA mas, principalmente, pelo que havia me ensinado em termos de humanidade. No entanto, quando me aproximei do caixão para vê-la, pude sentir o impacto de seu corpo em um vestido prateado e um boá com as cores do arco-íris ao lado. Em um segundo, caí de joelhos chorando. Por que, naquele momento, Sylvia me ensinou uma grande lição: “a força reside na diferença”. Ajoelhar-me diante de seu corpo foi um gesto espontâneo para prestar minha homenagem a esse grande ser humano. Somente então pude emocionalmente compreender por que ela havia me amedrontado tanto quando eu a conheci em outubro. Eu fiquei com medo de sua força interior, medo do poder shamânico que emanava desse ser andrógino, dessa mulher com pênis. Eu chorei por muitos motivos: pela perda de uma ativista política, pela perda de uma pessoa que fez história, pela perda de uma grande líder carismática que tanto inspirou como ajudou dezenas de pessoas a transformar suas vidas. Não foi sem merecimento que ela ganhou o título de “mãe” do movimento *transgender*. Como não conseguia parar de chorar nem mesmo quando me sentei, duas *drag queens* tentaram me consolar e uma delas me deu um lenço bordado com estrelas prateadas para enxugar minhas lágrimas. Quando olhei para o lenço, imediatamente associei as estrelas de prata a cor do vestido de Sylvia e formulei a seguinte metáfora – Sylvia Rivera é Stella Manhattan – a estrela de Manhattan ao guiar outros *transgenders* a adquirir visibilidade.

No conto “Ethan Brand” de Nathaniel Hawthorne⁸, o protagonista abandona sua cidade natal em busca do pecado imperdoável. Após longos anos no exterior dedicados à vida intelectual, ele finalmente retorna à casa. A resposta residia em seu próprio coração, que era de mármore. Ethan Brand passou sua vida imerso em seus livros, porém negligenciou sua humanidade. Sylvia Rivera me deu a chance de não cometer o pecado imperdoável – tratar os *transgenders* como objeto de pesquisa e não como seres humanos. Para mim, Manhattan tem uma estrela que brilha no céu e cuja luz guiou muitas vidas. Essa Stella Manhattan também direcionou o rumo de minha pesquisa e me tornou mais humana.

⁸ HAWTHORNE, Nathaniel. “Ethan Brand”. In: --- *Nathaniel Hawthorne’s Tales*. Edited by James McIntosh. New York: W. W. Norton & Company, 1986. p. 231-243